

Notas e Recensões

- Petersen, Suzanne H., J. Antonio Cid, Flor Salazar, Ana Valenciano, *et al.* (1982), *Voces nuevas del romancero castellano-leonés* (AIER, Archivo Internacional Electrónico del Romancero, 1-2), Madrid, Seminario Menéndez Pidal.
- RPI = Fontes, Manuel da Costa (1997), *O Romancero Português e Brasileiro: Índice Temático e Bibliográfico (com uma bibliografia pan-hispânica e resumos de cada romance em inglês) / Portuguese and Brazilian Balladry: A Thematic and Bibliographic Index (with a Pan-Hispanic bibliography and English summaries for each text-type)*, selecção e organização das transcrições musicais de Israel J. Katz, correlação pan-europeia de Samuel G. Armistead, Madison, Wisconsin, The Hispanic Seminary of Medieval Studies.
- Sef = Samuel G. Armistead, in collaboration with Selma Margaretten, Paloma Montero, and Ana Valenciano (1978), *El romancero judeo-español en el Archivo Menéndez Pidal (Catálogo-índice de romances y canciones)*, musical transcriptions edited by Israel J. Katz, Madrid, Cátedra-Seminario Menéndez Pidal, 3 vols.

UM CATÁLOGO-ÍNDICE DO ROMANCEIRO LUSO-BRASILEIRO

J. J. Dias Marques*

Depois das importantes colecções de romances conseguidas entre os imigrantes portugueses da América do Norte (Canadá, Nova Inglaterra e Califórnia) e em Portugal (ilha de São Jorge e distrito de Bragança), o Prof. Manuel da Costa Fontes acaba de enriquecer este campo de estudos com uma nova e monumental obra: *O Romancero Português e Brasileiro. Índice Temático e Bibliográfico*.¹

O I volume deste livro inicia-se com uma série de gravuras, representando os mapas de Portugal (Continental, do distrito de Bragança e dos arquipélagos dos Açores e da Madeira) e do Brasil e os retratos de vários colectores e estudiosos do romancero português e brasileiro, assim como da primeira informante de Costa Fontes, sua avó materna.

Segue-se uma extensa introdução de 25 páginas, em que o autor faz um panorama das recolhas do romancero em Portugal e no Brasil, e trata, depois, da questão das relações do romancero português com o castelhano e da contribuição portuguesa para o romancero (romances de origem portuguesa e romances existentes hoje apenas —ou quase só— em Portugal). Explicita ainda os critérios de selecção de temas para este catálogo e a classificação adoptada, que se baseia na de Samuel G. Armistead.

Vem depois o índice propriamente dito, que compreende 337 temas, identificados por uma letra (indicativa do grupo temático) e um número, designados por um título e

* Centro de Estudos Ataíde Oliveira. U. C. E. H. Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. 8000 Faro. Portugal. <jjmarq@ualg.pt>.

¹ Manuel da Costa Fontes, *O Romancero Português e Brasileiro: Índice Temático e Bibliográfico*, com uma bibliografia pan-hispânica e resumos de cada romance em inglês / *Portuguese and Brazilian Balladry: A Thematic and Bibliographic Index*, with a pan-Hispanic bibliography and English summaries for each text type, selecção e comentário das transcrições musicais de / selection and commentary of the musical transcriptions by Israel J. Katz, correlação pan-europeia de / pan-European correlation by Samuel G. Armistead, Madison, Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1997, 2 vols.

exemplificados com uma versão (ou, caso haja tipos distintos, duas ou mesmo três versões), acompanhada(s) pelo seu resumo em inglês, pormenor, este último, utilíssimo para que a presente obra possa ser usada (como fazemos votos que seja) por pessoas pouco ou nada conhecedoras da língua portuguesa.

Este índice inclui, além dos romances de origem velha e dos vulgares, também os temas a que Fontes chama “romances de cordel”, ou seja, “os romances estróficos compostos em Portugal nos últimos dois séculos” (p. 17). A decisão de incluir estes últimos textos, se, por um lado, é perfeitamente aceitável, e mais não faz do que acompanhar a tradição editorial portuguesa, que os tem acolhido na esmagadora maioria dos romanceros, por outro lado, poderia ser repensada. Pela nossa parte, teríamos preferido excluir os “romances de cordel”, porque, segundo julgamos, são canções narrativas e não romances, uma vez que lhes falta a versificação específica do romancero. Além disso, nem sequer possuem um estilo formulaico que possa justificar que se abram excepções, conforme acontece com os romances que nalgumas ou em todas as tradições são estróficos, por exemplo, L2. *O Parto em Terra Alheia*.

Por maioria de razões, teríamos eliminado igualmente os textos que não apresentam narratividade. Se, em certos casos, é sem dúvida difícil distinguir onde acaba o narrativo e começa o lírico, não nos restam dúvidas de que vários dos textos do grupo U. Romances Sacros não são romances: U9. *Ah Meu Menino Jesus*, U21. *Paixão do Redentor* (que, ao contrário do que pode fazer pensar o título escolhido, não é uma narrativa da Paixão, mas sim a descrição vertical do corpo de Cristo crucificado), U22. *A Paixão Segundo os Dias da Semana*, U23. *O Arado* e U57. *A Confissão da Noite*. Do mesmo modo, parecem-nos exclusivamente líricos, e, portanto, não incluíveis no romancero, todos os textos do grupo Y. Canções Cumulativas. Observe-se, entre parênteses, que uma melhor designação deste grupo poderia talvez ser “Canções Enumerativas e Cumulativas”. De facto, parece-nos útil estabelecer uma distinção entre estes dois tipos de poemas. *Enumerativas* serão as canções constituídas pela *enumeração*, sem repetições, dos vários elementos duma série. Pertencem a este tipo todos os temas do grupo Y, exceptuando Y4. *Ribeira Mota*, Y5. *A Formiga e a Neve* e Y10. *As Doze Palavras*. *Cumulativas* serão as canções em que, depois de se referir um elemento da série, se repetem também (*acumulando-os*) todos os outros elementos já anteriormente enunciados. É o caso dos temas a que acima aludimos como excepções. Note-se, ainda, que constituem canções enumerativas pelo menos mais sete temas que se encontram classificados noutros grupos e que, segundo nos parece, encontrariam melhor o seu lugar no grupo Y: os acima referidos U21 (um perfeito paralelo deste tema é Y7. *O Retrato da Senhora*, que, fazendo a descrição vertical da Virgem, está já classificado no grupo Y), U22 e U23, e ainda W2. *A Pulga e o Piolho*, W8. *Uma História Grandiosa*, X28. *Pastora, Linda Pastora* e Z9. *O Tanglomanglo*.

Regressando, para o concluir, ao problema da inclusão neste índice de temas que não nos parecem romances, gostaríamos de sublinhar que as dúvidas que atrás apresentámos também não escaparam ao espírito dum tão perfeito conhecedor do género como é o Prof. Fontes, embora a resolução que lhes deu tenha sido diferente da nossa:

Sei perfeitamente bem que alguns estudiosos do romancero teriam adoptado critérios mais rigorosos, excluindo muitos dos poemas apresentados, mas espero ter omitido poucos ou nenhuns dos romances que eles próprios teriam incluído (p. 19).

Não nos referiremos a certos pontos da organização que esta obra tem em comum com outras do autor, nomeadamente o romancero da Nova Inglaterra e o romancero do distrito de

Bragança, e sobre os quais temos uma posição diferente, dado que já o fizemos nas recensões que a elas dedicámos na *Revista Lusitana*, N. S., nºs 4 e 9. De qualquer forma, sublinhe-se que tanto estes aspectos como aqueles de que, acima, tratámos são questões de somenos importância e que, de modo nenhum, tiram valor à presente realização de Costa Fontes.

Ainda sobre o I vol., gostaríamos de frisar, isso sim, duas das suas mais importantes características: para cada romance, fornece-se a sua correspondência no *Catálogo-Índice* de Samuel G. Armistead e no *I. G. R. H.*, e, quando é caso disso, refere-se ainda a existência de paralelos no conto tradicional, com remissões para o índice internacional de Aarne/Thompson e para os índices do conto de língua espanhola. Mais ainda: para cada romance, apresenta-se a bibliografia, tanto quanto possível exaustiva, das versões desse tema existentes nas tradições orais modernas portuguesa, brasileira, galega, castelhana, catalã, sefardita, hispano-americana, e na tradição antiga impressa. Assinalam-se também numerosos estudos existentes sobre o romance em causa, nomeadamente apontando para as referências que a cada um desses estudos se fazem nas bibliografias comentadas escritas pelo Prof. Armistead. Sempre que tal se justifica, remete-se ainda o leitor para o índice de correspondências com a tradição baladística europeia (de que, mais à frente, voltaremos a falar). Para que se faça uma ideia do trabalho imenso que está por detrás de todas as referências bibliográficas atrás indicadas, diga-se que a sua elaboração se baseia na leitura de nada menos que 978 livros e artigos (ver lista, no II vol.)!

Apenas um senão nos atreveríamos a apontar a esta bibliografia: é que, no que diz respeito às versões da tradição portuguesa, se incluem as republicações de que cada texto foi objecto, sem se assinalar tal facto. Assim, um leitor desprevenido poderá pensar que, por exemplo, de *A1. D. Julião* existem três versões portuguesas publicadas (em T. Braga, V. Hardung e E. da Veiga), quando, afinal, se trata apenas de uma versão (a de Veiga), republicada pelos outros autores. E, se casos há (como o acima citado) que são facilmente detectáveis, já o mesmo se não poderá dizer de muitos outros, em que o estudioso se arrisca a ocupar bastante tempo à procura de determinado texto mais ou menos difícil de obter, apercebendo-se, no fim, de que esse texto não é mais que a republicação de um que já conhecia. Admitimos, porém, que eliminar tal problema, assinalando as republicações de cada versão, teria sido um trabalho ingente, que faria atrasar a publicação deste livro muito mais tempo.

Certamente que, numa obra destas dimensões, algumas ausências se poderão detectar, e o dever de cada leitor que dela se sirva é pagar os enormes serviços que recebe chamando para tais ausências a atenção do autor. Desde que recebemos o índice do Prof. Fontes, temo-lo utilizado sempre que tivemos uma pesquisa para realizar no campo do romanceiro, o que nos permite apresentar cinco sugestões de acrescentamento. Assim, no que se refere a temas, incluiríamos mais dois: *O Peregrino de Nossa Senhora de Monserrate* (= *I. G. R. H.* 0918)² e *Santo António e a Virgem*.³ Quanto às correspondências com o *I. G. R. H.*, acrescentaríamos a U43. *Bem Madrugava a Donzela* a referência de 0395 *La ahijada de Dios y de la Virgen*. Finalmente, no que diz respeito às correspondências com o conto tradicional, acrescentaríamos a L1. *Conde Alarcos* e a

² Bibliografia: Martins-Ferré 114. Deverão existir, sem dúvida, versões espanholas.

³ Bibliografia: Giacometti 53; GRPP 709; Rosado, *Tradição Oral*, pp. 117-8; e, ainda (obras muito recentes, não constantes da bibliografia compulsada por Fontes) Idália F. Custódio e M. Aliete F. Galhoz, *Memória Tradicional de Vale Judeu*, [I], Loulé, Câmara Municipal, 1996, pp. 89-90, e Rui Jerónimo e J. Cunha Duarte (orgs.), *Algarve. Tradições Musicais*, III, Faro, Grupo Musical de Santa Maria / São Brás de Alportel, Casa da Cultura António Bentes, 1997, p. 93.

K4. *D. Ana de Mexia* (e também a K3. *D. Ângela*, que, no nosso entender, é um sub-tipo de K4, ou, pelo menos, dele deriva claramente) as referências de Aarne/Thompson 836C* *Princess Wants to Marry Man with Green Eyes* e 885A *The Seemingly Dead*, respectivamente.

Passemos, agora, a examinar o II vol. de *O Romanceiro Português e Brasileiro*. Inicia-se ele com o importante estudo de Israel J. Katz "The Musical Legacy of the Luso-Brazilian Romanceiro", o primeiro panorama deste tema, ao que julgamos saber. Tal estudo é exemplificado e completado por 97 páginas com 329 transcrições musicais, escolhidas por aquele conhecido etnomusicólogo de entre variadíssimas fontes publicadas ou inéditas. Acompanham-no ainda 9 índices (fontes das transcrições, estrutura formal, modos e escalas, âmbito, metro, etc.).

Segue-se um útil glossário dos regionalismos, arcaísmos, castelhanismos e termos do mirandês presentes nos textos publicados no I vol. da obra. Depois das 50 páginas ocupadas pela grandiosa bibliografia consultada, a que já acima nos referimos, vêm os índices, que são nada menos que 17 (para já não falar do índice geral). Deles, permitimo-nos destacar o nº 8 ("Correspondências Pan-Europeias"), elaborado por Samuel G. Armistead, sem dúvida a única pessoa no mundo que poderia levar a cabo tal tarefa. Ocupa este índice, só por si, 10 páginas, e nele se referem as correspondências que 46 romances apresentam com baladas europeias, assinalando-se para cada uma a respectiva bibliografia, tendo em atenção as tradições basca, francesa, provençal, gascã, bretã,⁴ franco-canadiana, inglesa, escocesa, norte-americana, italiana, alemã, holandesa, *yiddish*, dinamarquesa, sueca, finlandesa, russa, letã, lituana, checa, húngara, romena, eslovena, sérvia, búlgara, albanesa, grega e turca. Refira-se que a bibliografia indicada inclui o impressionante número de 184 livros e artigos. Escusado será frisar a importância de tal índice, não só para o estudo das relações entre o romanceiro e a balada europeia, mas também entre as várias tradições baladísticas.

Em resumo: o monumental índice temático e bibliográfico elaborado por Manuel da Costa Fontes (com a referida colaboração de Israel J. Katz e Samuel G. Armistead) é uma obra de dedicação e profissionalismo admiráveis, e constitui, sem sombra de dúvida, um marco decisivo nos estudos do romanceiro, não só português mas, sublinhe-se, pan-ibérico. Os interessados têm agora à sua disposição um instrumento de consulta desde já perfeitamente indispensável e que de modo definitivo consagra o seu autor.⁵ Possa o Prof. Fontes continuá-lo em futuras edições, e saibam as gerações seguintes prosseguir esse trabalho, na procura (baldada mas nem por isso menos necessária) que está na condição humana: a da obra acabada.

⁴ No que diz respeito a esta tradição, sugerimos o acrescentamento da importante obra de Donatien Laurent, *Aux sources du Barzaz-Breiz. La mémoire d' un peuple* (Douarnenez, ArMen, 1989), em que se dão a conhecer parte dos manuscritos originais das recolhas de La Villemarqué, anteriores, portanto, às pesadas transformações com que este as publicou.

⁵ Ao ser editado nos Estados Unidos, o presente livro corre sérios riscos de ter dificuldade para se tornar conhecido na Europa, o que constituiria uma verdadeira perda para todos os estudiosos. Julgamos, por isso, que terá a sua utilidade referir a morada para que os interessados podem escrever, caso, como infelizmente é de esperar, não encontrem a obra nas livrarias: Hispanic Seminary of Medieval Studies / P. O. Box 620587 / Middleton, Wisconsin 53562-0587 / E. U. A. / Fax: 001 - 608 - 831 39 97.